



UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**TORTO ARADO E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO AMBIENTE RURAL**

**KEZIA DE PAIVA CAMPOS**

Rio de Janeiro

2023

KEZIA DE PAIVA CAMPOS

**TORTO ARADO E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO AMBIENTE RURAL**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito para obtenção do título de Licenciada em  
Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle dos Santos Corpas

RIO DE JANEIRO

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Beth e Marcos, por todo o apoio, força e afeto em toda a minha trajetória até aqui.

Agradeço à minha orientadora, Danielle Corpas, por toda a atenção e por fazer este trabalho acontecer de maneira mais fluida.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo ensino de qualidade.

Por último, à minha referência Itamar Vieira Jr.

## RESUMO

O romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, aborda a questão agrária, que se alinha à trajetória das protagonistas femininas e às opressões sofridas por trabalhadores rurais descendentes de escravos, assim como questões raciais. O presente trabalho tem como objetivo analisar *Torto Arado* e as relações de trabalho no ambiente rural em uma região específica, além das perspectivas de futuro em uma realidade marcada pela insegurança. Também estuda o enredo como resultado de uma leitura sobre o processo histórico-social brasileiro e o que se apresenta como imagem de nosso presente. Assim, o texto examina o que a figuração literária revela sobre aspectos da imaginação político-social atual. Aborda ainda outras temáticas, como a vivência de mulheres quilombolas no campo, a repressão aos movimentos sociais de luta pela posse de terra no Brasil e o racismo estrutural, presente na realidade objetiva e na representação literária.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>EFEITOS HISTÓRICOS DO TRABALHO ESCRAVO.....</b>	<b>7</b>
2.1	O TRABALHO ESCRAVO EM TORTO ARADO COMO IMAGEM DE NOSSO PRESENTE.....	10
<b>3</b>	<b>O PAPEL DA MULHER EM TORTO ARADO.....</b>	<b>14</b>
3.1	SUPERANDO OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS: A FORÇA E A DETERMINAÇÃO DE BIBIANA E BELONÍSIA .....	17
3.2	A REPRESENTAÇÃO DA MULHER ATRAVÉS DA PERSONAGEM SANTA RITA PESCADEIRA .....	19
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÃO DA REGIÃO.....</b>	<b>21</b>
4.1	IDENTIDADE CULTURAL E IMAGINÁRIO DO SERTÃO EM <i>TORTO ARADO</i> ...	22
<b>5</b>	<b>RELAÇÕES DE TRABALHO NO AMBIENTE RURAL .....</b>	<b>26</b>
5.1.	O TRABALHO ESCRAVO NO AMBIENTE RURAL .....	26
5.2	RELAÇÕES DE TRABALHO E A QUESTÃO DA TERRA EM TORTO ARADO ..	27
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De autoria do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, *Torto Arado* é um daqueles livros sobre os quais é fácil dizer ser uma leitura obrigatória para conhecer o Brasil real. Isso porque o autor, também geógrafo, consegue lidar com a oralidade e com a descrição regional no romance. Assim, Vieira Junior conduz o leitor para um lugar muito específico do país, imergindo em um universo de pessoas cujas dificuldades atravessam gerações: é uma verdadeira realidade esculpida diante das cicatrizes abertas de um país estruturalmente racista. É um romance que mergulha nas entranhas de um Brasil marcado por desigualdades e injustiças. Com uma escrita vívida e uma sensibilidade ímpar, o autor desfia uma narrativa poética e perturbadora, que expõe a dura realidade de trabalhadores e trabalhadoras rurais, suas lutas, suas esperanças e suas dores.

Nesta trama, Itamar Vieira Junior desnuda a crueldade do sistema de trabalho no campo, em que a opressão e a exploração são pilares fundamentais. O arado, símbolo da labuta incansável dos camponeses, é também metáfora de um destino implacável que parece aprisionar seus personagens, arrastando-os para a miséria e a desesperança. O geógrafo não teme confrontar as feridas sociais e históricas do país. Ele escava fundo, revelando as raízes de um Brasil marcado pela escravidão, pelas desigualdades raciais e pela opressão que atravessa gerações. Em um cenário rural árido e inóspito, somos apresentados às protagonistas do romance: as irmãs Bibiana e Belonísia. Elas vivem sua rotina e constroem suas trajetórias em meio a um cenário de luta, ligado à terra, ao trabalho manual e às dificuldades vividas no campo.

O romance desafia o leitor a encarar de frente a complexidade dos personagens e a dor dilacerante que permeia suas vidas. Sua prosa, de toques poéticos, envolve-nos em uma atmosfera melancólica, em que as palavras se entrelaçam como os sulcos profundos deixados pelo arado na terra. Cada página é um convite para a reflexão sobre as mazelas sociais e a luta por dignidade humana. *Torto Arado* é uma obra-prima que nos transporta para a alma do Brasil profundo, pulsante e vivido ainda atualmente. Itamar Vieira Junior, com maestria, dá voz àqueles que muitas vezes são silenciados pela indiferença social e política. Seu livro penetra em nossa consciência, deixando uma marca indelével, uma chaga aberta que nos lembra de nosso compromisso em construir um país mais justo, em que o arado seja um símbolo de esperança e progresso, e não de opressão e desigualdade.

Com o intuito de ressaltar esse efeito do romance, serão destacados aqui três de seus componentes fundamentais: o papel das mulheres, a inscrição regional e as relações de trabalho

no campo. Antes de chegar a isso, porém, é imprescindível um comentário acerca do que ainda motiva a grave discriminação racial no Brasil, fundamento dos problemas sociais figurados no romance que permanece arando em linha reta uma terra regada a preconceitos.

## 2 EFEITOS HISTÓRICOS DO TRABALHO ESCRAVO

O sistema escravocrata no Brasil teve suas origens no período colonial, a partir do século XVI, quando o país foi colonizado pelos portugueses. Formou-se no uso da mão-de-obra forçada de mulheres e homens africanos, que foram retirados à força de muitos grupos étnicos dos quais faziam parte no continente africano e trazidos ao Brasil nos chamados navios negreiros. A introdução da escravidão africana na colônia foi uma resposta à necessidade de mão de obra para a exploração dos recursos naturais, como a cana-de-açúcar, o ouro, o café e outros produtos agrícolas. Inicialmente, os portugueses tentaram utilizar a mão de obra indígena, porém, devido à resistência dos nativos, à dificuldade de captura e às doenças trazidas pelos colonizadores europeus, a escravidão africana foi considerada uma alternativa mais viável. A partir daí, milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil como escravos, especialmente durante os séculos XVII e XVIII.

O comércio transatlântico de escravos era organizado pelas potências coloniais europeias, como Portugal, Espanha, Inglaterra, Holanda e França. Os africanos eram capturados em diferentes regiões do continente e transportados em condições desumanas nos chamados "navios negreiros" até o Brasil. Essa travessia era marcada pela violência, insalubridade e alta taxa de mortalidade.

No Brasil, os escravos africanos eram comercializados e distribuídos entre os proprietários de terras, principalmente nas regiões produtoras de açúcar, ouro e café. Eles eram submetidos a trabalhos pesados e explorados de forma brutal, sujeitos a punições físicas e privação de direitos básicos. A escravidão era baseada em um sistema de posse, em que os escravos eram considerados propriedade dos seus senhores, sem direitos civis ou liberdade pessoal.

O sistema escravocrata teve um impacto significativo na formação social, econômica e cultural do Brasil. A economia colonial foi impulsionada pela exploração dos recursos naturais, em grande parte devido ao trabalho escravo. A riqueza gerada por essa exploração também se refletiu no desenvolvimento de cidades, na construção de monumentos e na produção artística e intelectual da época.

Ao longo do tempo, a escravidão no Brasil foi questionada e combatida por diversos grupos e movimentos, como abolicionistas, intelectuais, religiosos e escravos rebeldes. Pressões internas e externas, além de mudanças nas relações de poder, contribuíram para o fim da escravidão no país. A Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, oficialmente aboliu a escravidão no Brasil.



Apesar do fim legal da escravidão, suas marcas permaneceram evidentes na sociedade brasileira, seja no racismo estrutural<sup>1</sup>, nas desigualdades sociais ou nas heranças culturais. A história do sistema escravocrata no Brasil é um tema importante para a compreensão da construção social do país e da luta contínua por justiça e igualdade.

Segundo Silvio Almeida (2018), quando se trata de racismo estrutural e outros conceitos, é necessário apresentar também, separadamente, as concepções de racismo, preconceito e discriminação que, mesmo apresentando relação e geralmente se manifestando juntas, possuem significados diferentes.

O racismo é uma é “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem” (ALMEIDA, 2018, p. 22).

O preconceito, de maneira geral, baseia-se nas opiniões e sentimentos gerados sem uma avaliação crítica, podendo resultar em desprezo e intolerância. É uma ideia generalizada, formada pela influência do meio ou experiências pessoais. O preconceito racial “é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo radicalizado e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2018, p.22).

Por fim a discriminação, que consiste na ação ou efeito de separar, discriminar, distinguir, tem como fundamento o poder. A discriminação racial é “a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Existe a discriminação direta, que é a aversão a indivíduos ou grupos motivada pela raça, como por exemplo países que não permitem a entrada de determinados grupos raciais. A discriminação indireta ocorre quando “situações específicas de grupos minoritários são ignoradas” (ALMEIDA, 2018, p.23). A sociedade atual se constituiu com o racismo enraizado em sua estrutura e fundamentos. O racismo é vivenciado todos os dias pelos grupos historicamente discriminados, como é visto através da narrativa das irmãs em *Torto arado*.

Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.193).

---

<sup>1</sup> “O racismo estrutural é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. É a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2018, p. 15).

O legado histórico do trabalho escravo tem manifestações significativas na realidade presente, refletindo-se em diversos aspectos da sociedade. É importante compreender e reconhecer essas influências para lidar com os desafios e promover a justiça social. Vale destacar quatro pontos-chave desse legado e suas manifestações contemporâneas pois, para construir uma sociedade mais justa e igualitária, é necessário reconhecer e enfrentar essas questões, promovendo políticas públicas, conscientização social e ações efetivas para combater as desigualdades e promover a dignidade humana.

#### 1) Desigualdades socioeconômicas

O sistema escravocrata foi responsável pela criação de profundas desigualdades socioeconômicas no Brasil. A exploração desumanizante do trabalho escravo gerou concentração de riqueza e poder nas mãos dos proprietários de terras e da elite dominante. Essa desigualdade persiste até os dias atuais, com a existência de uma estrutura social marcada pela exclusão, pobreza e falta de oportunidades para as populações historicamente marginalizadas.

#### 2) Discriminação racial e racismo estrutural

A escravidão no Brasil esteve diretamente associada à exploração de pessoas negras. O racismo institucionalizado durante séculos deixou marcas profundas na sociedade, manifestando-se ainda hoje por meio de preconceitos, estereótipos, discriminação e violência racial. A população negra continua a enfrentar desafios no acesso a emprego, educação, saúde e justiça, revelando a persistência do racismo estrutural.

#### 3) Condições precárias de trabalho

A exploração do trabalho escravo era caracterizada por condições desumanas e violações dos direitos humanos básicos. Embora a escravidão tenha sido abolida legalmente, existem formas contemporâneas de trabalho precário e exploratório, como o trabalho infantil, o trabalho análogo ao escravo e a exploração de trabalhadores migrantes. Essas práticas revelam a continuidade de uma mentalidade que desvaloriza e explora os trabalhadores, perpetuando injustiças e desigualdades.

#### 4) Movimentos de resistência e luta por direitos

Assim como durante a época da escravidão, a história do Brasil também é marcada por movimentos de resistência e luta por direitos. Desde as rebeliões de escravos até os movimentos contemporâneos de trabalhadores rurais e urbanos, há uma busca constante por justiça, igualdade e dignidade. Essas lutas são fundamentais para combater as manifestações atuais do legado escravocrata e promover mudanças estruturais.

## 2.1 O TRABALHO ESCRAVO EM TORTO ARADO COMO IMAGEM DE NOSSO PRESENTE

*Torto Arado* é um marco na literatura brasileira contemporânea porque mergulha nas raízes do processo histórico-social do país e oferece uma profunda reflexão sobre a imagem que se apresenta como nosso presente.

O romance nos transporta para as entranhas do sertão baiano, explorando as narrativas entrelaçadas de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, e a complexa trama que se desenrola ao redor delas. Por meio dessas personagens, somos confrontados com as camadas de opressão, desigualdade e violência que permeiam a história do Brasil e moldam o cenário atual.

A narrativa atravessa séculos, desde o período da escravidão até os desafios enfrentados pelas comunidades rurais no século XXI. Ao destacar as cicatrizes do passado e as heranças históricas que persistem no presente, o romance convida o leitor a refletir sobre a continuidade dos problemas sociais e estruturais que assolam nosso país.

Ao longo da leitura, somos confrontados com a dura realidade do trabalho exaustivo no campo, a luta pela sobrevivência, a exploração dos recursos naturais e a perpetuação das desigualdades sociais. O livro nos apresenta um Brasil marcado pela concentração de terra, pela negligência dos poderes públicos e pela falta de oportunidades para aqueles que vivem nas margens da sociedade.

Os personagens de *Torto Arado* representam não apenas indivíduos com histórias particulares, mas também grupos sociais marginalizados e oprimidos ao longo do tempo. Suas experiências nos mostram a persistência das estruturas patriarcais, do racismo estrutural e das feridas profundas deixadas pelo passado escravocrata.

Um ponto que chama a atenção do leitor é o fato de que, ao narrar alguns dos mais importantes episódios de suas trajetórias revezando-se como voz narrativa, as irmãs revelam um Brasil do qual a existência ainda parece atolada em estruturas e relações do período colonial escravocrata. A época em que se passa a história é indefinida, mas identifica-se o século XX, considerando-se veículos como uma Ford Rural ou uma motocicleta, que aparecem em determinados momentos. Todavia, a falta de notação temporal reforça a noção de permanência de certas circunstâncias.

A ausência de proximidade das famílias que trabalhavam na fazenda com outros meios reforça sua subordinação às condições impostas, e a grandeza do mundo exterior, como quando Bibiana esteve fora de Água Negra (a fazenda onde se passa a ação) em sua ida ao hospital, que causou admiração à menina narradora, mas também receio e insegurança. A história contada no

romance gira em torno de famílias de trabalhadores que viviam na Fazenda Água Negra havia muitas gerações, e o trabalho imposto e exercido no campo sob as determinações dos proprietários era o único modo de vida conhecido para a maioria. Sair da fazenda por um motivo incontestável era incomum, e fazê-lo por motivos monetários era por certo impensado.

No decorrer de um episódio do romance em que uma grande seca atinge aquelas pessoas e a fome toma essas famílias, Belonísia fala que “o povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimento” (VIEIRA JR, 2019, p. 106-107). De forma semelhante a foragidos que temem seus superiores e são submetidos às suas ordens.

Os pressupostos para que novos trabalhadores se instalassem naquelas terras são definidos claramente:

Meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra. O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a moradia. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. [...] Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (VIEIRA JR, 2019, p. 41).

Através da citação, constata-se que grande ênfase era colocada na dureza do trabalho exercido e na dedicação esperada dos subordinados. O trabalho árduo era condição para que novas famílias fossem aceitas pelos donos e gerente da fazenda, e não havia pagamento previsto. A alimentação de cada família dependeria de sua capacidade de cultivar uma pequena roça própria próxima à moradia, desde que não descuidasse da produção que enriqueceria o proprietário.

A própria habitação, em condições precárias, assim deveria se manter, para que muito conforto não sinalizasse um futuro e desse falsas esperanças aos moradores, juntamente com a ideia de possuir qualquer direito sobre as terras. Em resumo, trabalho árduo e suado era esperado em troca de um modesto lugar para morar e cultivar a própria comida.

As condições de vida e trabalho das personagens de *Torto Arado*, dessa forma, análogas à escravidão, dialogam com uma questão social presente e urgente, questão que não somente se refere ao, mas se faz presentes no Brasil de hoje. Uma característica ainda vista como marca da escravidão moderna é o uso da força para coagir os trabalhadores.

Segundo a narrativa de Bibiana, o estabelecimento das fazendas se deu por intermédio de uma autoridade paralela: “Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 22). O ato do poder, portanto, não dependia das leis e autoridades estabelecidas, mas da força das armas e do medo imposto aos trabalhadores. É o que se vê também, mais para frente na narrativa, no destino do primo Severo, assassinado em frente à própria casa por ousar levantar a voz para falar de direitos e injustiças.

Severo é um personagem importante em *Torto Arado* pelo fato de se afastar da ideia de que as más condições impostas aos trabalhadores eram simplesmente como as coisas deviam ser. Desde a adolescência o rapaz sonhava com uma realidade diferente:

Ele se sentiu à vontade para falar sobre seus sonhos, tinha planos de estudar mais e não queria ser empregado para sempre da Fazenda Água Negra. Queria trabalhar nas próprias terras. Queria ter ele mesmo sua fazenda que, diferente dos donos dali, que não conheciam muita coisa do que tinham, que talvez não soubessem nem cavoucar a terra [...] (VIEIRA JR, 2019, p.72)

Assim como os trabalhadores escravizados do Brasil-colônia conheciam as técnicas e laboração da produção com mais afinco que seus senhores, Severo percebe o mesmo padrão na relação do proprietário da fazenda com os trabalhadores atuais de Água Negra. Infundido de um forte senso de justiça, ele não se contém e procura se envolver em atividades sindicais para viabilizar alguma mudança, tornando-se também um militante. A assertividade das falas de Severo em sua comunidade influencia muitos a seu redor, o que é visto como uma ameaça à ordem, tendo como resultado sua morte.

Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam há muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos haviam nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo de terra dos quintais das casas. Onde construíram casas e cercas (VIEIRA JR, 2019 p. 207).

De modo a vir multiplicar sua voz em outros moradores de Água Negra, Bibiana passa a compartilhar da mesma percepção de que estavam injustamente desamparados nas condições atuais:

Aquela fazenda sempre teria donos, e nós éramos meros trabalhadores, sem qualquer direito sobre ela. Não era justo ver tio Servó e os filhos crescendo espantando os chupins das plantações de arroz. Não era justo ver meu pai e minha mãe envelhecendo, trabalhando de sol a sol, sem descanso e sem qualquer garantia de conforto em sua velhice (VIEIRA JR, 2019, p. 79).

Essa obra nos convida a olhar criticamente para a nossa sociedade e a repensar as bases

sobre as quais ela está fundamentada. Ela nos desafia a questionar a desigualdade estrutural, a violência institucionalizada e a falta de acesso aos direitos básicos que ainda prevalecem no Brasil contemporâneo.

Assim, *Torto Arado* é um espelho que nos confronta com nossas contradições e nos lembra que a superação das injustiças históricas é uma responsabilidade coletiva. Ele nos incita a repensar as políticas públicas, a necessidade de promover uma educação inclusiva e a urgência de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Diante da imagem apresentada por essa obra, cabe a cada um de nós, como cidadãos e agentes de mudança, assumir a responsabilidade de transformar a realidade que nos cerca. É essencial reconhecer as feridas do passado, desafiar as estruturas opressivas e lutar por um Brasil onde todos possam ter acesso a oportunidades dignas e uma vida plena.

### 3 O PAPEL DA MULHER EM TORTO ARADO

A trama do romance de Itamar Vieira Junior é narrada em três partes por narradoras distintas, mas sendo todas mulheres e em primeira pessoa.

A primeira parte da narrativa transcorre através da fala e percepção de Bibiana, a irmã mais velha. O enredo se inicia com um incidente, que é a descoberta de uma faca<sup>2</sup> pelas meninas, em uma mala guardada pela avó embaixo da sua cama. O objeto fascina tanto as irmãs que elas querem sentir o seu “gosto” e, com isso, uma delas perde a língua. Este fato vai torná-las mais unidas, pois uma vai se tornar porta-voz da outra, ou seja, vai aprender no silêncio da irmã os seus desejos e suas vontades para transmiti-los à família.

Foi assim que me tornei parte de Belonisia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24).

Após esse incidente, a faca desaparece e a avó definha até a morte. O título “Fio de Corte” refere-se à faca, objeto que tem função destacada não só nesta parte do romance, depois aparecerá novamente e fará parte de cenas de grande importância. Também há a referência aos trabalhadores escravizados que não podem se pronunciar e falar, já que uma das irmãs emudece.

As irmãs precisaram ir ao hospital na cidade tratar o ferimento. Ao chegar lá, Bibiana relata ser o primeiro lugar onde vê mais pessoas brancas que negras e nota como essas pessoas olhavam para ela e sua família com um olhar diferente, curioso, sem se aproximar. Zeca Chapéu Grande, seu pai, esconde nos bolsos de sua calça as folhas de ervas que havia pegado para fazer rezas e bendizer suas filhas, com receio e certo tipo de vergonha de ser julgado feiticeiro por pessoas que não o conhecem e desconhecem tal crença. Na volta para casa, Bibiana nota também como é diferente a vida fora de Água Negra, chamam sua atenção as ruas asfaltadas, as casas construídas e acopladas, observa:

---

<sup>2</sup> “A faca tem, enquanto símbolo, o mesmo significado do “cinzel”, ou seja, “princípio cósmico ativo (masculino), que penetra e modifica o princípio passivo (feminino)” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 68). Segundo estes autores, além do falicismo da faca, ressaltado por Freud, “o símbolo da faca é, frequentemente, associado à ideia de execução, no sentido judiciário, de morte, vingança, sacrifício [...] A faca é o instrumento essencial dos sacrifícios, e de numerosas provas iniciáticas” (Idem, p. 414). Vários rituais no jarê são realizados por meio desse instrumento, principalmente o sacrifício dos animais; o auxiliar que lida com esse objeto é chamado de “o dono da faca” (BANAGGIA, 2013, p. 158).

E como era diferente o mundo além de Água Negra! Como era diferente a cidade com suas casas grudadas umas às outras, dividindo paredes. As ruas calçadas com pedras. O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. (VIEIRA JR, 2019, p.20)

Isso sinaliza indícios do despertar para como pode vir a ser uma vivência fora do lugar em que cresceu e tem como parâmetro de vida. Outro dado interessante que desperta a atenção dela no desenrolar do enredo é o fato de não ser comum ter espelho onde viviam, de forma a não se enxergar fisicamente, não ter muito acesso à própria feição. Detalhe ressaltado por ela quando as irmãs Crispina e Crispiniana chegam à sua casa e ela vê as duas como se estivessem se olhando em um espelho, vendo a mesma pessoa. Esse ponto é ligado também à cena principal do início da narrativa, quando as irmãs pegam a faca e se veem ali, através de pedaços e fragmentos.

Espelho não era coisa comum por ali. Havia pedaços de espelho de Donana, que podíamos admirar vez ou outra, enquanto desarrumava e arrumava sua mala naquela rotina instituída na sua caduquice. Mas espelho mesmo, acessível para nos observarmos, era apenas o espelho d'água dos rios com seu líquido escuro e ferruginoso, onde nos víamos negras num espelho também negro, talvez criado exatamente para nos descobrirmos. (VIEIRA JR., 2019, p. 32).

Mais um ponto que merece atenção e destaque é o fato de as irmãs se enxergarem através do rio negro, de forma que venham a se reconhecer, identificar sua cor e raça, sendo assim uma forma de aceitação.

Ainda nesta primeira parte do romance, ocorre a chegada em Água Negra do irmão de Salustiana (a mãe das meninas), juntamente com sua família, a convite de Zeca Chapéu Grande. Severo, sobrinho de Salu e primo de Bibi e Belô, entra em cena chamando a atenção das irmãs. Como não havia meninos dessa idade na fazenda, ele desperta sentimentos até então apagados nas irmãs, instintos primitivos e naturais. As meninas começam a querer investir na vaidade, contestando o porquê de não terem espelho em casa. Ao passar a ter convívio com as primas, Severo aprende a se comunicar com a prima que emudeceu, de forma rápida, observando, reproduzindo e praticando o que via na maneira como as irmãs se articulavam entre si. Certo dia, em uma das festas de jarê<sup>3</sup>, Bibiana encontra Belonísia numa moita com Severo, fica estarecida e aborrecida, criando em sua mente outro cenário e ato, diferente do que realmente estava acontecendo ali. Conta para sua mãe que viu os dois se beijando, de modo que Salu fica irritada e bate em Belonísia. Bibiana, mesmo chateada com o que viu na noite anterior, sente

---

<sup>3</sup> Jarê é uma religião de matriz africana, típica da Chapada Diamantina.



cada paulada dada em Belonísia. As duas ficam sem se comunicar por semanas, acontecimento que as deixa muito abaladas, pois são extremamente próximas e amigas.

Até o dia em que Salustiana leva as filhas para pescar e Bibiana machuca o pé, precisando da ajuda da irmã, que espontaneamente se oferece, sem hesitar. Com isso, as duas voltam aos poucos a se comunicar e passar mais tempo juntas, sem comentar o ocorrido no dia da festa de jarê e sem se referir a Severo. Esses episódios confirmam para o leitor o vínculo entre as irmãs.

Em seguida, ao chegar a época de seca na região, as meninas precisam ir à cidade para vender ou trocar os produtos colhidos na Fazenda, pois era uma época de escassez. Com Salu enferma, Belonísia precisa ficar na fazenda para auxiliar a mãe, logo Bibiana passa a ir sozinha à cidade. Um dia, Severo a encontra e eles conversam bastante. Dali em diante, Bibiana passa a querer sair mais vezes sozinha para encontrá-lo. Severo fala sobre assuntos que ela nunca tinha ouvido, temas sobre os quais as pessoas de Água Negra não costumavam discorrer. Seu primo apresenta uma perspectiva de futuro, instigando-a a imaginar uma vida fora de Água Negra, onde pudessem estudar e trabalhar em outro âmbito, muito além de exercer apenas tarefas manuais. Os dois se apaixonam, Bibiana engravida e decidem sair de Água Negra. Ela hesita de início, pensa muito na família e, principalmente, em Belonísia. Mas ainda assim, decide ir, pois lembra da vida limitada e sem perspectiva que estava levando na Fazenda, tendo que ser submetida às exigências de Sutério, o líder do sindicato. Sai de casa na madrugada, escondida de todos para encontrar Severo e iniciarem sua jornada fora do local de onde cresceram. Esse é o desfecho da primeira parte do romance.

Um ponto interessante que é necessário destacar é a sutileza com que Itamar leva o leitor a não desvendar de início qual das duas irmãs emudece para sempre, mantendo o mistério até o final da primeira parte do livro. Em todas as cenas em que as duas falam entre si ou com outras pessoas, como Salu, Zeca Chapéu Grande, Severo etc., a narrativa mostra que as duas aprenderam a se comunicar por sinais, mas em momento algum esclarece qual delas perdeu a fala. Há um momento, perto do desfecho desta primeira parte, em que Bibiana encontra Severo para contar da gravidez, em que ocorre a explicitação de muitos gestos, ela usa a linguagem corporal para expressar o que está sentindo e quer expor. Desta forma, a narrativa sinaliza a possibilidade de ser Bibiana quem perdeu a fala, mas somente no final tem-se a revelação de que, de fato, foi Belonísia.

Após o incidente, Bibiana consegue ter sua língua restaurada, já Belonísia perde a fala por completo e dá continuidade à segunda parte da trama. Esta parte enfatiza que, enquanto Bibiana se interessa pela carreira de professora e toma rumo com os estudos, Belô não tinha

muita aptidão nessa área. Seu desinteresse pelas aulas decorre da pouca relevância atribuída àqueles assuntos e da distância daquilo em relação à realidade vivida por ela e por seus colegas.

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97).

A irmã mais nova era ótima com trabalhos manuais e deu continuidade aos ensinamentos transmitidos por seu pai, Zeca Chapéu Grande. Nesse aspecto, Belonísia divergia de Bibiana, de modo que se estabelece uma complementaridade entre elas, cada uma era habilidosa em suas respectivas funções.

No decorrer da segunda parte, “Torto arado”, que é narrada por Belonísia, ela se casa com Tobias e vão morar juntos. Mas com o tempo ela nota que o marido a quer mais para seus objetivos sexuais quando lhe convém e reclama de tudo o que ela faz, ficando mais agressivo com o passar do tempo. Belonísia afronta o cônjuge, subvertendo a lógica de comportamento das mulheres da época, que eram submissas a seus maridos. Ao se impor, demonstra autoridade e seu lugar como mulher da casa. Após a morte de Tobias, Belonísia continua residindo no sítio em que morava com o falecido marido e progride no local, cuidando das plantas, cultivando comida e constatando que não precisava de Tobias para nenhum afazer, pois ela mesma se desenvolvia e manejava bem o trabalho manual.

Mantendo a linhagem de personagens femininas, a terceira e última parte do romance, “Rio de sangue”, é narrada pela encantada Santa Rita Pescadeira, uma entidade da religião do jarê. O escritor lança mão de seus conhecimentos sobre religião para caracterizar essa personagem, usa do místico para justificar ações humanas daquela comunidade quilombola, justificando seus desejos ocultados, como o de se impor e lutar por seus direitos à terra. Desta forma, com uma narrativa que se desenvolve através do olhar de três personagens femininas, Itamar Vieira Junior apresenta um romance que, mesmo localizado em um cenário rural, diverge da maioria das obras que enfocam esse universo, mostrando a força e a coragem de mulheres que lutam pela terra.

### 3.1 SUPERANDO OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS: A FORÇA E A DETERMINAÇÃO DE BIBIANA E BELONÍSIA

O papel da mulher em *Torto Arado* é trabalhado de maneira profunda e séria, com personagens femininas fortes e resilientes, que enfrentam as adversidades do ambiente rural e lutam por sua sobrevivência e dignidade em meio às desigualdades sociais. Vieira Junior aborda as questões de gênero de forma crítica, evidenciando as opressões e violências enfrentadas pelas mulheres no campo. O autor não se furta a expor as relações patriarcais arraigadas, que perpetuam a submissão e a invisibilidade das mulheres.

Bibiana, uma das protagonistas e irmã mais velha, é retratada como uma mulher corajosa e determinada. Ela se destaca como uma líder dentro de sua comunidade. Sua luta pela igualdade e por melhores condições de vida reflete o anseio por justiça social, não apenas para si mesma, mas também para as mulheres e todos ao seu redor. Essa personagem é um exemplo poderoso de como uma mulher subverte os papéis de gênero tradicionais e se torna uma líder em sua comunidade. Bibiana é retratada como uma figura forte, determinada e corajosa, que desafia as expectativas impostas às mulheres em sua realidade rural. Incentivada por Severo, que também se torna militante e líder comunitário, ela alavanca sua carreira de professora e instrui as crianças de Água Negra. Seu papel de liderança é amplificado quando ela assume, juntamente com Severo, o posto de presidente da associação comunitária. Sua capacidade de articulação, sua dedicação e sua habilidade para mobilizar as pessoas a tornam uma líder respeitada e admirada. Ela utiliza sua posição para buscar melhorias para a comunidade e para lutar pelos direitos dos trabalhadores rurais.

A representação da mulher em *Torto Arado* também enfatiza sua relação com a terra, mostrando a conexão íntima entre as mulheres e a natureza, bem como a importância de seu trabalho na produção agrícola e no sustento da comunidade. Por meio de personagens como Belonísia, o livro revela a valorização das práticas ancestrais e dos conhecimentos transmitidos de geração a geração pelas mulheres, fortalecendo sua presença e importância no contexto rural.

A representação de Belonísia no romance é uma afirmação do potencial e do poder das mulheres, destacando a importância de sua voz e liderança na construção de um futuro mais igualitário em vários aspectos. Ela desafia a ideia de que as mulheres devem se limitar a papéis subalternos e nos lembra que a liderança não tem gênero. Ainda que as irmãs apresentem aptidões díspares, ambas são incríveis em sua forma de conduzir os trabalhos e manter suas tradições

Me perguntava se naquele instante a irmã ausente tinha livros ou enxada nas mãos, se seguia com o sonho de ser professora. Comparava suas ambições às minhas, para concluir que talvez por sermos diferentes naquele entendimento, tivéssemos certo equilíbrio em nossos vínculos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 98).

A violência doméstica, a objetificação e a exploração sexual vividas por Belonísia com Tobias também são temas abordados com sensibilidade, ressaltando a necessidade de transformações sociais para romper esses padrões opressores. Na mesma proporção, destaca-se o protagonismo das mulheres na resistência e na busca por autonomia. Belonísia e Maria Cabocla são exemplos de força e resiliência. Elas se unem em solidariedade, compartilhando experiências e construindo laços de apoio mútuo. Belonísia foi quem teve a língua cortada, mas isso não a impediu de explicitar seus desejos através de seus gestos e ações, refletindo toda a desenvoltura e magnitude que não podia expressar através da fala.

Ao desafiar os padrões de gênero, Bibiana e Belonísia quebram barreiras e se impõem. Elas subvertem as expectativas tradicionais em relação à mulher, mostrando que é possível ser forte, autônoma e líder, mesmo em um ambiente marcado por desigualdades sociais e de gênero. Por meio dessas representações, Itamar Vieira Junior resalta a importância de dar voz às mulheres, valorizar suas experiências e reconhecer sua contribuição fundamental para a sociedade. *Torto Arado* serve como um lembrete de que a luta pela igualdade de gênero é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde as mulheres possam exercer seu poder e influência de forma plena, rompendo com os padrões opressivos que as cercam. Ambas as personagens enfrentam desafios constantes, seja no campo de trabalho, nas relações de poder ou nas injustiças sociais. No entanto, é sua determinação inabalável que as impulsiona a lutar contra as adversidades. Elas são exemplos de como a resiliência e a coragem podem ser ferramentas poderosas na superação de obstáculos e na busca por uma vida melhor.

Além disso, Bibiana e Belonísia representam a força das mulheres quilombolas, cuja história e cultura são frequentemente marginalizadas e silenciadas. Elas resgatam e valorizam suas raízes, buscando manter viva a memória de seus antepassados e reafirmando sua identidade.

Em *Torto Arado*, as personagens de Bibiana e Belonísia nos ensinam que a força feminina vai além das dificuldades enfrentadas, quebrando barreiras e desafiando estruturas opressivas. Elas nos mostram que a determinação, a resiliência e a busca pela liberdade são elementos essenciais na construção de uma vida mais justa e igualitária. Sua história nos inspira a valorizar e reconhecer o poder transformador das mulheres em todas as esferas da sociedade.

### 3.2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER ATRAVÉS DA PERSONAGEM SANTA RITA PESCADEIRA

A figura da encantada Santa Rita Pescadeira também desempenha um papel significativo na narrativa, carregando consigo elementos simbólicos e míticos que conectam a história ao universo cultural e espiritual do sertão brasileiro. A presença dessa personagem mítica contribui para a construção de uma atmosfera de mistério e espiritualidade, além de desafiar as fronteiras entre o real e o sobrenatural.

Santa Rita Pescadeira é uma entidade, uma encantada associada à figura de uma mulher que foi escravizada e morta em circunstâncias trágicas, tornando-se uma espécie de divindade protetora dos pescadores e dos que vivem às margens dos rios. Na terceira parte do romance, sua presença é refletida através de Bibiana e Belonísia, escolhidas pela encantada para serem seu “cavalo” e vingar a morte de Severo e outros atos cometidos pelos proprietários de terras exploradores.

Santa Rita Pescadeira pode ser interpretada como um símbolo de resistência e proteção para as protagonistas. Ela representa a força ancestral das mulheres quilombolas, que encontram nas tradições e crenças do seu povo uma forma de conexão com suas raízes e uma fonte de fortalecimento espiritual.

Além disso, Santa Rita Pescadeira traz consigo uma dimensão mística que se entrelaça com as experiências das personagens. Sua presença e influência sugerem a existência de um mundo invisível, onde o sobrenatural se mistura com a realidade cotidiana. Essa fusão entre o mundo terreno e o espiritual ressalta a complexidade e a riqueza do universo cultural do sertão, onde mitos e crenças populares desempenham um papel fundamental na construção da identidade e na resistência das comunidades.

Assim, Santa Rita Pescadeira, como encantada, representa a conexão com as raízes, a força ancestral e a espiritualidade presente na trajetória das personagens. Sua presença no romance traz uma dimensão simbólica que se entrelaça com as questões históricas, culturais e espirituais abordadas na obra, enriquecendo a narrativa e ampliando as possibilidades interpretativas.

#### 4 REPRESENTAÇÃO DA REGIÃO

O regionalismo na literatura brasileira é um movimento que remonta ao século XIX e se consolidou ao longo do século XX, tendo influência muito significativa na produção literária do país. A estética regionalista busca retratar e valorizar as peculiaridades, características e identidades presentes nas diferentes regiões brasileiras, procurando dar voz e visibilidade às diversas realidades e culturas presentes no Brasil. Da exaltação do exótico até uma preocupação social mais efetiva, o regionalismo focou a realidade local, algo importante para um país que buscava sua identidade cultural, bem como conhecer a si próprio. Os regionalistas buscaram retratar, de forma autêntica e verossímil, as paisagens, os costumes, os dialetos e as tradições de cada região do país. Dessa forma, as obras regionalistas têm como objetivo apresentar uma imagem mais completa e diversificada do Brasil. No entanto, é necessário analisar o regionalismo literário brasileiro com uma postura crítica, pois, em alguns casos, pode haver a romantização ou a generalização de certas características regionais, levando a estereótipos e simplificações. Por outro lado, o regionalismo não deve ser encarado como uma limitação à literatura, mas como uma forma de ampliar as vozes e as perspectivas presentes no cenário literário nacional.

No Nordeste, por exemplo, destacam-se obras como *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O Quinze* de Rachel de Queiroz, que retratam a seca, a pobreza e a luta pela sobrevivência do povo nordestino. No Sertão, região marcada pela aridez e pela vida difícil, essas obras ressaltam as questões sociais, trazendo à tona a pobreza, a fome, o sofrimento e a luta pela sobrevivência. Essas narrativas realistas exprimiram a dura realidade enfrentada pelos nordestinos e contribuíram para uma maior compreensão e empatia em relação a essa região.

A literatura nordestina se desenvolveu como uma resposta à necessidade de retratar e valorizar a identidade do povo nordestino, enfrentando estereótipos e preconceitos históricos por meio da representação dos costumes, tradições e festas populares. Autores como Ariano Suassuna, com sua peça teatral *Auto da Compadecida*, e Jorge Amado, com obras como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, retrataram o folclore, as crenças populares, o humor e a sensualidade presentes na cultura nordestina. Essas obras contribuíram para a valorização e preservação da identidade cultural da região.

Além disso, a literatura nordestina também aborda questões históricas, como o período da escravidão e a resistência negra. Autores como Castro Alves, com seu poema *Navio Negreiro*, e João Ubaldo Ribeiro, com *Viva o Povo Brasileiro*, trazem à tona a luta e a resiliência dos negros e a formação étnica e social da região Nordeste.

A linguagem também desempenha um papel importante na estética regionalista nordestina. O uso de expressões típicas da região enriquece as narrativas, conferindo autenticidade e proximidade com a realidade vivida pelos nordestinos.

O regionalismo na literatura nordestina não se limita a um único gênero ou estilo literário. Abrange romances, contos, poesias, teatro e outras formas de expressão literária. Essa diversidade favorece uma visão rica e multifacetada da região, ampliando a compreensão sobre sua cultura e realidade. Em suma, a literatura nordestina, por esse viés, busca retratar a identidade, os desafios e os encantos do povo e da terra do Nordeste brasileiro. Ao valorizar as características únicas dessa região, contribui para uma representação mais completa e inclusiva da diversidade cultural e social do Brasil.

#### 4.1 IDENTIDADE CULTURAL E IMAGINÁRIO DO SERTÃO EM *TORTO ARADO*

A região ou território onde se passa a ação é um aspecto central no romance de Itamar Vieira Junior. A obra apresenta uma profunda imersão na cultura e na identidade do sertão brasileiro, explorando os elementos históricos, sociais e culturais que moldam suas comunidades. Neste capítulo, buscaremos compreender como a regionalidade se manifesta na narrativa, analisando suas influências na construção das personagens, nos conflitos e nas representações do cenário e da estética no sertão. Para compreender a regionalidade em *Torto Arado*, é fundamental examinar o contexto histórico e social do sertão. A obra se passa em um ambiente rural marcado pela pobreza, pela desigualdade e pela persistência de estruturas arcaicas de poder. A partir dessa perspectiva, o romance retrata as lutas diárias dos trabalhadores rurais, suas conexões com a terra e a forma como a região molda suas identidades e perspectivas de futuro.

A descrição da paisagem do sertão desempenha um papel fundamental na construção da regionalidade em *Torto Arado*. Através de uma linguagem poética rica em detalhes, o autor retrata as características geográficas, climáticas e culturais da região, transportando o leitor para um ambiente marcado pelo sol escaldante, a vegetação árida e a vida simples dos moradores.

Além disso, o imaginário do sertão está presente na obra, com elementos como a crença em entidades míticas, os rituais religiosos e as tradições orais transmitidas de geração a geração. Esses aspectos contribuem para a construção de uma identidade cultural única, enraizada nas histórias e nas experiências das comunidades sertanejas.

A regionalidade em *Torto Arado* também se manifesta por meio das representações sociais e culturais das personagens. Vieira Junior retrata a complexidade das relações de poder

e de classe presentes na sociedade sertaneja, revelando a hierarquia existente entre os diferentes grupos sociais. Além disso, a obra aborda questões como a herança da escravidão, a luta pela posse da terra e as desigualdades raciais e sociais. Essas representações sociais e culturais contribuem para uma compreensão mais profunda da regionalidade e de suas implicações na vida das personagens.

*Torto Arado* é uma narrativa original e forte. Vieira Junior estabelece uma linguagem específica, traz uma realidade primigênia e tradicional para o plano da consciência nacional. É uma leitura que recorda, dentro do cenário embasado na terra e sertão, obras de outros autores que carregam marcas características da estética regional, tais como Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Há também, já citado na epígrafe do romance, Raduan Nassar, sendo que o escritor paulista se pauta por uma abordagem mais freudiana, enquanto Itamar se apresenta mais sociológico em seus parágrafos. Dentro do cenário atual, o geógrafo cria uma gramática nova, um estilema único que subverte as demais obras e ganha destaque na literatura contemporânea. Seu olhar, sobre o sertão, sobre a Chapada Diamantina, sobre a Bahia, sobre o Nordeste, não é externo, pelo contrário, é o olhar de alguém que conhece o lugar descrito, seus dilemas e necessidades. Euclides da Cunha, por exemplo, apresentava um olhar direcionado ao Nordeste marcado por um ponto de vista urbano e preconceituoso em muitos sentidos, referindo-se ao que viu e presenciou na destruição da guerra de Canudos com o filtro de suas marcas identitárias. Itamar se aproxima mais de Carolina Maria de Jesus, que apresenta em sua obra *Quarto de despejo* uma narrativa vinda “de dentro”, íntima do local descrito pela autora.

Através das narrativas conduzidas por Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, Vieira Junior tenta mostrar um Brasil que não é muito conhecido para os próprios brasileiros. Faz perceber que o campo, mesmo no século XXI, ainda tem uma vida pulsante, uma vida bastante ativa que, de certo modo, não aparece com frequência na literatura contemporânea. Suprindo essa ausência do cenário regional, da estética territorial, o geógrafo cria inspiração para mostrar essa parte escondida do país.

A região é retratada com riqueza de detalhes, revelando a vida dura e árdua dos trabalhadores rurais. Itamar Vieira Junior utiliza a linguagem regional, repleta de expressões típicas do sertão nordestino, como forma de enriquecer a autenticidade e a originalidade da narrativa. Essa escolha linguística aproxima o leitor da realidade dos personagens, transmitindo o modo de vida, as crenças e os valores enraizados naquela região específica.

Outro aspecto importante da regionalidade presente no romance é a denúncia das desigualdades sociais e raciais que permeiam o sertão nordestino. Itamar Vieira Junior aborda o legado da escravidão e a persistência do racismo estrutural, revelando como esses elementos



moldam as relações sociais e as oportunidades de vida dos personagens. A questão da posse da terra também é explorada, retratando a disputa entre grandes proprietários e pequenos agricultores, revelando as injustiças que perpetuam a pobreza.

Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. Outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 22).

Mas as batatas do nosso quintal não são deles, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas escolhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores”. disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta. Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana”[...] Mas a terra é deles. A gente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p.45).

Por meio da representação dessa região, Itamar Vieira Junior nos convida a refletir sobre as diferentes realidades e perspectivas presentes no país. Ao mergulhar na cultura e nas peculiaridades do sertão baiano, o autor nos apresenta um retrato complexo e multifacetado do Brasil, confrontando-nos com suas contradições e desafios. Através dessa abordagem regional, *Torto Arado* nos leva a uma compreensão mais profunda da identidade nacional e das lutas cotidianas dos trabalhadores rurais no campo. A territorialidade desempenha um papel de destaque no romance, sendo um elemento central que permeia toda a narrativa. O autor explora a relação profunda entre o indivíduo, a comunidade e a terra, revelando a importância do território como espaço de identidade, pertencimento e conflito.

Através da representação do sertão baiano e das comunidades rurais ali presentes, Itamar Vieira Junior nos apresenta um retrato complexo da territorialidade. A terra é retratada como uma entidade viva, carregada de significados históricos, culturais e emocionais. Ela é o cenário onde a vida se desenrola, onde as personagens constroem suas relações, enfrentam seus desafios e buscam sua sobrevivência.

De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia.(VIEIRA JR, 2019, p.20)

No romance, a posse da terra é um tema recorrente, evidenciando as disputas e conflitos que surgem em torno da propriedade e do acesso aos recursos naturais. Itamar Vieira Junior denuncia as injustiças e desigualdades relacionadas à distribuição da terra, explorando as

tensões entre os grandes latifundiários e os pequenos agricultores, que lutam para garantir seu direito de permanecer e cultivar o solo.

A territorialidade também está ligada à identidade cultural das personagens e das comunidades retratadas no livro. Através das tradições, da linguagem, das práticas agrícolas e dos rituais presentes no sertão baiano, o autor destaca a conexão profunda entre o povo e seu território. O pertencimento à terra e à comunidade é uma força motriz que orienta as ações e as escolhas dos personagens ao longo da narrativa. Além disso, a territorialidade também está intrinsecamente ligada à resistência e à luta por direitos. O livro retrata as mobilizações comunitárias, as ocupações de terras e as tentativas de organização coletiva dos trabalhadores rurais como formas de reivindicar seu espaço e seus direitos diante das adversidades impostas pelo sistema dominante.

Vieira Junior utiliza a territorialidade como uma metáfora poderosa para explorar questões mais amplas, como as desigualdades sociais, as lutas por justiça e a busca por uma identidade própria no contexto brasileiro. Através dessa abordagem, o autor ressalta a importância de valorizar e proteger os territórios e as culturas locais, reconhecendo a conexão vital que existe entre o indivíduo e seu ambiente.

## **5 RELAÇÕES DE TRABALHO NO AMBIENTE RURAL**

### **5.1. O TRABALHO ESCRAVO NO AMBIENTE RURAL**

O trabalho escravo no ambiente rural é uma triste e ativa realidade que assombra o Brasil, revelando uma chaga social que persiste até os dias atuais. Embora a escravidão tenha sido oficialmente abolida há mais de um século, infelizmente, milhares de pessoas ainda são submetidas a condições desumanas e degradantes em terras brasileiras, constatando-se práticas análogas à escravidão.

O sistema de exploração que permeia o trabalho escravo no campo é alimentado por uma combinação de fatores, como a desigualdade socioeconômica, a falta de acesso à educação e a ausência de fiscalização efetiva por parte das autoridades. Os trabalhadores vulneráveis, muitas vezes provenientes de regiões empobrecidas, são enganados por intermediários que prometem empregos dignos e condições de vida melhores. No entanto, ao chegarem aos locais de trabalho, essas pessoas são submetidas a uma realidade perversa. Jornadas exaustivas de trabalho são impostas, ultrapassando os limites humanos, sem garantias de descanso adequado, alimentação suficiente ou condições de segurança e saúde. Muitas vezes, os trabalhadores são alojados em barracões insalubres e superlotados, privados de condições mínimas de dignidade.

A remuneração, quando existe, é irrisória, mal suprindo as necessidades básicas. Além disso, a dívida criada pelos empregadores, que fornecem adiantamentos para despesas pessoais e ferramentas de trabalho, torna os trabalhadores escravizados reféns do ciclo vicioso da servidão, impossibilitando sua libertação. Essa prática é inaceitável e viola os princípios fundamentais de igualdade e dignidade humana.

A violência física e psicológica é uma constante na realidade desses trabalhadores. São vítimas de ameaças, agressões e intimidações, sendo privados de sua liberdade e submetidos a permanecerem em condições desumanas. O medo e a falta de recursos para buscar auxílio tornam-se obstáculos significativos para a denúncia e perpetuam essa forma moderna de escravidão.

Infelizmente, o trabalho escravo no ambiente rural brasileiro não é um fenômeno isolado. Está presente em diversas atividades econômicas, como agricultura, pecuária, exploração florestal e produção de carvão vegetal. A globalização e a demanda por produtos a preços competitivos muitas vezes contribuem para a exploração, já que a pressão para reduzir custos de produção recai sobre os trabalhadores mais vulneráveis.

Para combater efetivamente o trabalho escravo no campo, é necessário um compromisso sério e conjunto de todos os setores da sociedade. O governo deve fortalecer a fiscalização e a aplicação das leis existentes, promovendo punições severas para os responsáveis por essa prática abominável. Além disso, é imprescindível investir em políticas públicas que combatam a pobreza e a desigualdade, oferecendo oportunidades de emprego digno e acesso à educação.

## 5.2 RELAÇÕES DE TRABALHO E A QUESTÃO DA TERRA EM TORTO ARADO

As relações de trabalho no ambiente rural são retratadas de forma séria e impactante no enredo de *Torto Arado*. Vieira Junior mergulha na realidade dos trabalhadores rurais, expondo as condições adversas, a exploração e a desigualdade que permeiam suas vidas. Apresenta um retrato contundente do sistema de trabalho no campo, revelando a opressão e a marginalização enfrentadas pelos trabalhadores. Através das personagens, como Zeca Chapéu Grande, somos levados a vivenciar a rotina árdua e exaustiva do trabalho agrícola, marcado pela escassez de recursos, pela falta de oportunidades e pelo abuso de poder.

O romance expõe a luta diária dos trabalhadores rurais para sobreviver em meio às condições desfavoráveis. A narrativa evidencia a relação de dependência entre os agricultores e os grandes proprietários de terra, que detêm o poder econômico e impõem condições desumanas de trabalho. A exploração é descrita com detalhes, destacando as jornadas extenuantes, os baixos salários e a falta de perspectivas de melhoria de vida.

Além disso, o geógrafo aborda a questão da posse da terra e a luta pela reforma agrária, revelando a injustiça na distribuição de terras e as consequências sociais desse desequilíbrio. Através dos personagens secundários, mas não menos importantes, como o líder comunitário Zeca Chapéu Grande e o militante Severo, o romance mostra a resistência e a luta por direitos e melhores condições de trabalho.

Itamar Vieira Junior utiliza uma linguagem precisa e contundente para transmitir a gravidade das relações de trabalho no ambiente rural. Sua prosa, por vezes poética, enriquece a narrativa, mas não ameniza a dureza da realidade retratada. O assunto sério, apresentado ao mesmo tempo de forma fluida e didática, convida o leitor a refletir sobre as desigualdades sociais e a necessidade de mudanças estruturais para garantir a dignidade e os direitos dos trabalhadores rurais.

Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Por que não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que

não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento. (VIEIRA JR, 2019, p. 185)

*Torto Arado* nos confronta com a realidade muitas vezes invisibilizada do trabalho no campo, denunciando as injustiças e as violências presentes nesse contexto. Através de uma abordagem séria e comprometida, Itamar Vieira Junior nos convida a repensar as relações de trabalho e a buscar formas mais justas e igualitárias de organização social, onde o trabalho rural seja reconhecido e valorizado como uma parte essencial da sociedade. O romance pode ser interpretado como resultado de uma profunda leitura do processo histórico-social brasileiro, revelando uma imagem contundente e reflexiva do presente do país. A obra mergulha nas camadas mais profundas da sociedade brasileira, explorando suas desigualdades, injustiças e contradições. Ao retratar a vida dos trabalhadores rurais no sertão baiano, o autor revela as marcas deixadas pelo passado colonial e escravocrata do Brasil. A obra mergulha nas feridas abertas pela história, explorando as raízes da desigualdade social, do racismo estrutural e da exploração dos mais vulneráveis. Ela expõe a persistência desses problemas até os dias atuais, revelando como o passado continua a moldar nosso presente.

Ao mesmo tempo, o romance destaca a resiliência e a luta dos personagens diante das adversidades. Eles representam a busca por dignidade, justiça e transformação social. O livro nos convida a refletir sobre os desafios enfrentados pelos trabalhadores rurais e por todos aqueles que vivem à margem da sociedade, bem como sobre a necessidade de construir um país mais justo e igualitário. Itamar Vieira Junior nos lembra que a construção de um país mais justo e igualitário requer uma análise profunda de nosso passado e uma atuação comprometida no presente. O romance nos coloca diante de um espelho incômodo, mostrando as feridas abertas em nossa sociedade, mas também apontando caminhos possíveis para uma transformação positiva. Ao ler *Torto Arado*, somos instigados a refletir sobre a responsabilidade coletiva de enfrentar as desigualdades e as injustiças que ainda persistem em nossa sociedade. A obra nos leva a questionar o presente e a buscar alternativas para construir um futuro mais justo, onde a dignidade e os direitos de todos sejam respeitados

Quando se lê Graciliano Ramos, tem-se um homem de imensa sofisticação intelectual e de uma determinada orientação política olhando para o Nordeste. Quando se lê Euclides da Cunha, entendemos que Canudos foi o encontro do Brasil do século XIX com o Brasil do século XVII. De alguma forma, Vieira Junior teria tudo, como um homem educado e inteligente, para apresentar uma visão do litoral sobre o interior, ou da cidade sobre o sertão. Poderia ser isso, mas trata-se de um olhar um pouco de dentro, de quem é do local.

Vale destacar como Itamar constrói a percepção da pobreza em seu romance, por exemplo, quando as irmãs se admiram com um objeto trivial como uma faca arcaica, que remete à idade média, como um sinal de ausência de metalurgia. Um mero caco de espelho era um item incomum. Em *Água Negra*, os peixes eram pescados para a sobrevivência, a galinha era uma refeição muito importante. A pobreza é apresentada com traços sociológicos, por exemplo, quando o encarregado Sutério entra na casa da família e, além do trabalho que deve ser feito por ele, leva consigo os mantimentos que possuíam, mesmo sem ter direito moral, ético ou legal para isso.

Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescávamos no rio. Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal. Mas as batatas não eram produção do quintal. Da terra seca não brotava nem pasto, muito menos batata. E a secura era tanta que nem as várzeas estavam sendo cultivadas ... - Vi a vergonha de meu pai crescer diante de nós, sem poder fazer nada. Zeca Chapéu Grande era um curador respeitado e conhecido além das cercas de *Água Negra*. Mas ali, nos limites da fazenda, sob o domínio da família Peixoto — que quase não colocava os pés por lá a não ser para dar ordens, pagar ao gerente e dizer que não poderíamos fazer casa de tijolo — e de Sutério, sua lealdade pela morada que havia recebido no passado, quando vagava por terra e trabalho, falava mais alto. (VIEIRA JR, 2019, p. 85)

Para muitas pessoas, a pobreza é uma ordem natural do mundo: ela é introjetada, é psíquica. “meus bisavós foram escravos, minha avó era escrava, minha família foi escravizada”, isso é encarado como algo natural. Seguindo esta linha, vale contestar se existe uma posição política nessa pobreza que Itamar tornou ficção. Questionamento este que se alinha com a ideia do imaginário usado como representação da realidade e questões autorais ligadas ao que se projeta na realidade atual.

O romance de Vieira Junior explicita situações reais que ocorrem há décadas, que deveriam ser um tema já superado, mas que permanecem existentes. Atitudes escravocratas que se perpetuam até os dias atuais. Então, pode-se pensar que, na trajetória das irmãs Bibiana e Belonísia e de toda a comunidade de *Água Negra*, há uma posição política na representação dessa pobreza, sempre trabalhada na oralidade e, como já mencionado, de forma didática, para soar o mais real possível e ser uma leitura fluida e prazerosa.

O foco na questão da terra se relaciona a isso. Esse problema se origina em uma escolha que o Brasil fez no passado: dar direito à terra apenas a quem podia comprá-la. E, é claro, pouquíssimas pessoas podiam comprá-la, e nem todos que chegaram a tê-la, chegaram a usufruir do domínio da terra, como se vê no romance. Isso se reflete nessa tragédia social brasileira que é a falta de acesso à terra, principalmente pelas camadas mais vulneráveis da sociedade. Inseridos nesse ciclo estão os trabalhadores rurais, com menos direitos.

Ao longo de um século, o Brasil fez inúmeras iniciativas de reforma agrária. Algumas avançaram minimamente, outras não conseguiram avançar. E, nos últimos anos, tem-se um retrocesso imenso, pois de acordo com pesquisas e relatos de trabalhadores rurais, parece que o Programa Nacional de Reforma Agrária foi abandonado pelos governantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia, exploramos o poderoso romance *Torto arado* e sua abordagem das relações de trabalho no ambiente *rural*. Ao examinar as complexidades dessa temática, pudemos compreender os desafios enfrentados pelos trabalhadores rurais e as consequências de um sistema socioeconômico desigual.

Uma das principais questões levantadas pela obra é a persistência das relações de trabalho precárias no ambiente rural. Através das personagens Bibiana e Belonísia, pudemos testemunhar a exploração e a opressão enfrentadas pelos trabalhadores rurais em suas lutas diárias pela sobrevivência. A falta de acesso à terra, a dependência de intermediários e a ausência de direitos trabalhistas básicos são apenas algumas das injustiças enfrentadas por essa classe laboral.

Além disso, a obra nos alerta para as desigualdades estruturais enraizadas no sistema agrícola brasileiro. A concentração de terras nas mãos de poucos e o consequente deslocamento de comunidades tradicionais revelam a falta de políticas efetivas de reforma agrária e a perpetuação de um modelo que favorece o latifúndio em detrimento da agricultura familiar.

Ao trazer à tona essas questões, *Torto Arado* nos convida a refletir sobre a urgência de transformações sociais e econômicas no ambiente rural, mas ao mesmo tempo, as dificuldades para que isso aconteça. E como uma parte isolada e esquecida, ainda se encontra muito viva. A obra mostra que o trabalho no campo não deve ser visto apenas como uma atividade produtiva, mas como uma expressão de identidade cultural e de vínculo com a terra. É essencial reconhecer o valor dos trabalhadores rurais e garantir-lhes condições dignas de trabalho, acesso à terra e segurança econômica.

A partir da narrativa baseada na oralidade, Vieira Jr explicita a história de pessoas que lutam pelo direito à terra na obra literária, aproximando ficção e realidade, uma narrativa que possibilita fazer um panorama do trabalhador rural do século XX e abordar outras questões, como o racismo estrutural, vivência de mulheres quilombolas no campo e repressão aos movimentos sociais de luta pela posse da terra. Correlacionar a terra com o foco narrativo e a trajetória das personagens femininas permitiu ainda demonstrar como o real é o referente, que pode ser entendido, reformulado e superado, pois traz uma problemática da propriedade privada no Brasil, as relações com a ocupação territorial e, também, a conciliação destes com o desenvolvimento histórico da sociedade brasileira.



Nesse sentido, espera-se que esta monografia possa contribuir para ampliar a discussão sobre as relações de trabalho no ambiente rural e para sensibilizar os leitores sobre a necessidade de mudanças significativas nesse contexto. Que a leitura de *Torto arado* e a reflexão sobre suas temáticas nos inspirem a buscar soluções concretas para a promoção de relações de trabalho mais dignas e justas no campo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural e Feminismos: Disputas Feministas e Antirracistas no Brasil.** (2018). Disponível em:

[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf). Acesso em: 17 jul. 2023.

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina.** Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2013.

BERNARDES, José Eduardo. **Itamar Vieira Junior, autor de Torto Arado, fala sobre preconceito e racismo da crítica.** (2023). Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/20/itamar-vieira-junior-autor-de-torto-arado-fala-sobre-preconceito-e-racismo-da-critica>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CARMO, Wendal. **Jarê, o ‘candomblé de caboclos’ típico da Chapada Diamantina.** (2021). Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/jare-o-candomble-de-caboclos-tipico-da-chapada-diamantina/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

GABRIEL, Ruan de Sousa. **A poética do sertão pelo bem-sucedido 'Torto arado'.** (2019). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/a-poetica-do-sertao-pelo-bem-sucedido-torto-arado-23894455>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GIACOMO, Fred Di. **O racismo não cortou a língua de Itamar Vieira Jr.** (2020).

Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/11/o-racismo-nao-cortou-a-lingua-de-itamar-vieira-jr-escutemos-suas-vozes.htm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

INSTITUTO Humanas Unisinos. **Itamar Vieira Jr: “O Brasil está encalhado no passado, que resiste em ser superado”.** (2021). Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606752-itamar-vieira-jr-o-brasil-esta-encalhado-no-passado-que-resiste-em-ser-superado>. Acesso em: 30 mar. 2023.

OLIVEIRA, Joana. **Tudo em ‘Torto arado’ é presente no mundo rural do Brasil. Há pessoas em condições análogas à escravidão.** (2020). Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-12-02/tudo-em-torto-arado-ainda-e-presente-no-mundo-rural-brasileiro-ha-pessoas-em-condicoes-analogas-a-escravidao.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

OTSUKA, Edu Teruki; RABELLO, Ivone Daré. **Considerações sobre o romance de Itamar Vieira Júnior.** (2022). Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/torto-arado/#:~:text=Ao%20dar%20representa%C3%A7%C3%A3o%20aos%20quilombolas,n%C3%A3o%20mais%20%C3%A9%20materialmente%20plaus%C3%ADvel>. Acesso em: 1 jul. 2023.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto arado.** Todavia, 2019.